

STTAU MONTEIRO

AUTO DA BARCA
DO MOTOR FORA
DA BORDA

2.^a Edição

EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

PERSONAGENS:

Vicentinas:

Arrais (Amâncio)

Companheiro

Brísida Vaz

Corregedor

Fidalgo (Simeão)

Anjo

Joane

Onzenciro

Sapateiro

Padre

Moça

Contemporâneas:

Arrais

➤ Banqueiro

➤ D. Brisette de Vaz

➤ Corregedor

➤ Burguês

➤ Industrial de sapataria

Padre

Sentados os espectadores e antes de abrir o pano, surgem respectivamente pela esquerda e pela direita do palco, um homem em traje contemporâneo e outro em traje Vicentino que correm para o centro, estacam junto à ribalta e falam para o público. Na corrida, os dois actores são acompanhados por focos de projectores colocados na sala e, ao estacarem junto à ribalta, são iluminados de forma a que, embora a sua entrada lembre o início dum acto de «music-hall», a intensidade luminosa seja inferior à da cena quando o pano subir.

O ritmo é rápido e alegre. Pretende-se criar, desde já, um ambiente de feira e de festa que deverá ultrapassar o fosso da orquestra e contagiar os espectadores.

ARRAIS VICENTINO

Falo eu primeiro! Falo eu primeiro, que de longe venho para ver representar este auto que me dizem ser duma barca, como o auto de mestre Gil!

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

É o auto da barca em que eu ando embarcado!

ARRAIS VICENTINO

E aonde rumo a vossa barca?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

* Não rumo — anda à deriva!

ARRAIS VICENTINO

(Alegre, batendo as palmas.) Pois que aponte a este porto, que hoje é dia de folgar! Trouxe-os todos comigo! Todos, bem contados pelos dedos desta mão! Só falta aqui o mestre, para a barca navegar! (Bate palmas, muito alegre e chama:) Simeão, que de fidalgo fizeste; Pedro, que Joane foste; sapateiro, alcoviteira, corregedor (para o público.) Não falta cá ninguém! (Entra pela direita um grupo de actores Vicentinos, trazendo pães, odres de vinho e cestos de fruta. Vêm muito alegres e abraçam o 1.º actor.) A barca de mestre Gil volta hoje a navegar!

O pano começa a subir muito rapidamente, enquanto os presentes dançam alegremente e con-

versam uns com os outros. O Arrais Vicentino, mesmo depois do pano ter subido, permanece como que em êxtase, voltado para o público. No centro do palco, em contraluz e colocado sobre estacas, um barco moderno — talvez um meio cruzeiro — com um motor fora da borda.

Em torno do barco, barris e fardos de palha. De pé, em cima do barco, imóveis como estátuas, os seguintes personagens:

Um banqueiro respeitável, vestido a rigor.

Um burguês, imitando o banqueiro.

Um corregedor idoso e grave.

Uma mulher dos seus 50 anos, muito pintada, com um casaco de vison.

Um industrial que imita o banqueiro e o burguês.

Um padre que imita o banqueiro, o burguês e o industrial.

ARRAIS VICENTINO

(Muito alegre, para o público.) A barca de mestre Gil volta hoje a navegar! (Volta-se, dum salto, e enfrenta o palco. O barco deixa gradualmente de estar em contraluz para surgir intensamente iluminado. Os actores vicentinos olham-no a medo e calam-se um a um. Depois duma pausa, o Arrais Vicentino avança lentamente para o barco, seguido do Arrais Contemporâneo.) Barca do demo, do demo e não de mestre Gil... do demo, com mil raios, que até de longe fede a enxofre! (Observa atentamente o barco.) Alva

como pernas de pastora a tentar um cristão em noite de luar... Ah mestre, que não te conheço a barca! Eu, que da tua barca fiz de arrais, não te conheço a barca!

(Os actores Vicentinos avançam cautelosamente para examinar a barca, mas ele detém-nos com um gesto.) Quedos!

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

(Rindo-se.) Mudou tudo, amigo! Tudo! Mudou o mundo, mudou a gente, mudaram as barcas! *(Sobe a escada que dá acesso ao barco.)* Se nesta representação usássemos a barca de Gil Vicente, eles *(aponta para os espectadores)* não a reconheceriam e aplaudiriam mestre Gil, a sorrir.

ARRAIS VICENTINO

A sorrir?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

A sorrir de satisfação por se julgarem fora da barca... *(Pausa.)*

ARRAIS VICENTINO

Entendo o que dizes, amigo. Já entendo o que dizes. E eles, entendem?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Com a vossa ajuda, hão-de entender...

ARRAIS VICENTINO

Como se chama a barca?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Chama-se «Vai com Deus», «Barca que não sabe andar» ou, mais simplesmente, «Barca parada». Para efeito deste auto, chama-se «Barca do motor fora da borda».

ARRAIS VICENTINO

Porquê?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Porque os que a impellem não vão nela e os que vão nela não a impellem.

ARRAIS VICENTINO

E sabeis representar o auto, vós?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Com a vossa ajuda. Com a vossa ajuda sabermos representar o auto.

ARRAIS VICENTINO

Pois cá estamos para vos ajudar. (*Corre para a ribalta, seguido de todos os actores, incluindo os de traje contemporâneo, que descem do barco para o acompanhar. O ritmo é novamente rápido e alegre. O Arrais Vicentino dirige-se ao público:*) Moços fidalgos, ou que diabo sois, que vos não reconheço pela maneira de trajar: *No presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos súbitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, scilicet, um deles passa pera o Paraíso, e o outro pera o Inferno; os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do Paraíso um Anjo, e o do Inferno um Arrais infernal e um Companheiro.*

TODOS OS ACTORES VICENTINOS

À barca, à barca, que temos gentil maré!

(Correm para o barco, mas o Arrais Contemporâneo chega primeiro e detém-nos.)

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

✦ Não! Não! Quem representa somos nós. Vocês limitam-se a assistir, tanto mais que se passaram, desde que representaram o vosso auto pela última vez, muitas coisas que vocês não conhecem! Por exemplo: já ninguém acredita no Inferno... (*Os actores Vicentinos mostram grande espanto, como que assustados.*) ...e os poucos que acreditam no Paraíso, vivem como se não acreditassem nele...

ARRAIS VICENTINO

Esta barca vai para o Inferno!

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Não vai. Uma barca não pode ir para um sítio que não existe. Esta barca é o Inferno e o Paraíso ou o Paraíso no Inferno — questão de gosto...

ARRAIS VICENTINO

Reboleiras, fanfarronadas! Vossemecê não passa dum rascão que se julga mais sabedor das coisas de Deus que o mestre Gil! O mestre disse que ao chegar ao rio se dava com dois batéis — um que ia direito ao Inferno e o outro ao Paraíso... Vamos ao auto. F. audar, é andar!

(Sobe ao barco, seguido dum companheiro. Os actores Vicentinos sentam-se nos fardos de palha, a conversar. Os actores contemporâneos permanecem a meio da cena, indecisos.)

*À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!
Ora venha o caro a ré.*

(Os actores contemporâneos, sem saber o que hão-de fazer, conversam, e o companheiro do arrais olha à sua volta, preocupado.)

Então? Não ouviste, o que mandei? Se o mestre aqui estivesse, havias de o ouvir...

Ora venha o caro a ré!

(O actor contemporâneo que interpreta o papel de burguês separa-se do grupo e avança para o barco.)

ARRAIS VICENTINO

*Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
— Ó poderoso dom Anrique,
cã vindes vós? Que cousa é esta?*

(Os actores vicentinos riem-se do aspecto do actor contemporâneo que sobe a escada, tira o chapéu e fala para o Arrais Contemporâneo.)

BURGUÊS

E agora, nós, o que é que eu faço? Nem sequer conheço as deixas!

ARRAIS VICENTINO

Então? Perdeste a língua ou comeu-ta o demo? O auto segue assim: (*Levanta-se e representa.*)

*Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?*

E o arrais, que sou eu, responde:

*Vai pera a ilha perdida
e há-de partir logo ess'ora.*

BURGUÊS

O nosso auto não é assim.

ARRAIS VICENTINO

(Para os actores contemporâneos.) Mudastes o auto a mestre Gil?

BURGUÊS

Não fomos nós, foi o tempo.
(O Arrais Contemporâneo levanta o braço.)

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Altol (Sobe ao barco.) O nosso auto não é igual ao que vocês representavam antigamente. Com licença. (Afasta o Arrais Vicentino e dirige-se ao burguês.) Sr. Dr., faça o favor de desculpar, o navio está pronto, mas os restantes passageiros ainda não chegaram.

ARRAIS VICENTINO

Então ele nem pergunta para onde a barca vai?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Ele sabe para onde a barca vai...

ARRAIS VICENTINO

E o anjo?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Qual anjo?

ARRAIS VICENTINO

(Para os actores vicentinos.) Tu, Pêro Lanzudo, que fazias de anjo: ensina o auto a estes vilões.

(Levanta-se um actor Vicentino.)

ANJO

Ali Dom Anrique quer mudar da barca e tomar a que passa para o Paraíso. Eras tu, Simeão, que fazias de fidalgo. Fala, filho dum cão, não vês que amofam o mestre?

(Levanta-se Simeão.)

SIMEÃO

A estoutra barca me vou.
Hou da barca! Para onde is?
Ah, barqueiro! Não me ouvis?
Respondei-me! Houlá! Hou!
(Par Deos, aviado estou!
Cant'a isto é já pior...
Que giricocins, salvanor!
Cuidam que são eu grou?)

(O anjo corre para a direita baixa e grita, imitando uma voz longínqua:)

ANJO

Que quereis?

SIMEÃO

*Que me digais,
pois parti tão sem aviso,
se a barca do Paraíso
é esta em que navegais.*

ANJO

Esta é; que demandais?

SIMEÃO

*Que me leixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
é bem que me recolhais.*

ANJO

*Não se embarca tirania
neste batel divinal.*

BURGUÊS

Acabem com isso!

SIMEÃO

Senhor! Mestre Gil compôs este auto para en-

sinar o bem a quem anda mal. Vede: a tirania
do fidalgo não tem cabimento na barca divinal.

BURGUÊS

(Para os componentes do seu grupo.) Este anjo
é mesmo anjo!

ARRAIS VICENTINO

Pronto! Acabou-se! Vossemecês agora estão qui-
tos durante uns minutos.

*(Simeão senta-se. O anjo, entristecido, volta
ao seu lugar. Os actores contemporâneos com-
põem o vestuário, formam um cortejo e avançam
para o barco.)*

BANQUEIRO

Cento e cinquenta e três por cento, nem menos
um tostão!

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Isso reduz o meu lucro para cento e vinte e um
por cento!

BANQUEIRO

Mas aumenta o meu para cento e vinte e quatro
por cento!

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Sou obrigado a baixar os ordenados do pessoal.

BANQUEIRO

Já fiz as contas. Basta-lhe uma redução de cinquenta e seis por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

De quarenta e quatro por cento.

BANQUEIRO

De cinquenta e seis por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

De quarenta e quatro por cento.

BANQUEIRO

De cinquenta e seis por cento. Você não contou com a comissão dos doutores e além disso, para baixar os salários, é preciso reforçar a guarda, o que aumenta as despesas. Cinquenta e seis por cento.

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

Dividam ao meio. Façam uma redução de quarenta e oito por cento e dêem-me dois por cento a mim, para eu abrir uma cantina para os operários e comprar um *vison* novo, que este é do ano passado. Põe-se uma assistente social, escolhida por mim, na cantina e poupa-se no reforço da guarda.

BANQUEIRO

Cinquenta e seis por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Quarenta e quatro por cento.

ARRAIS VICENTINO

Mas que gente é esta? Que dizem eles? Isto não é a língua do mestre, não, que nem soa a língua de gente. Cinquenta e seis por cento! Quarenta e quatro por cento! Pecados novos, não? Para juntar aos que já havia? E o onzeneiro, onde está ele? E Brísida Vaz? E o frade?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Cala-te, que já vais ver!

(*Um a um, os actores contemporâneos sobem*

ao barco, sempre a falar, e são recebidos pelo burguês.)

BURGUÊS

(*Para o banqueiro.*) Muito bom dia sr. Dr., seja benvindo a bordo! (*Para o Arrais Vicentino.*) Cá tens o usurário—o onzeneiro do teu tempo.

BANQUEIRO

(*Com um ar triste.*) Estamos todos no mesmo barco, caro Doutor, estamos todos no mesmo barco.

ARRAIS VICENTINO

Ele tem de perguntar para onde é a viagem, que é para eu responder:

Pera onde tu hás-de ir.

(*Muito satisfeito, tocando com o dedo no peito do banqueiro.*)

Pera onde tu hás-de ir.

(*O banqueiro sacode-o com um gesto impaciente e diz ao burguês.*)

BANQUEIRO

O Dr. é que paga para que os tipos da laia deste não me incomodem. Se não é capaz de exer-

cer a sua função, deito abaixo o Governo e arranjo outro.

BURGUÊS

Porquê só o Governo?

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

(*Que está atrás do banqueiro, puxando-lhe pelo casaco.*) Cinquenta por cento.

BANQUEIRO

(*Sem voltar a cabeça.*) Cinquenta e seis por cento.

BURGUÊS

Estava ansiosamente à sua espera porque tenho um dever a cumprir, um dever agradável a cumprir. (*Para os restantes.*) Agradeço-vos que vão para a popa do barco, porque vai ter lugar uma pequena cerimónia oficial.

(*Os actores formam um pequeno círculo, à ré, ficando o banqueiro isolado, à frente e ao centro do grupo.*)

ANJO

Se esse é o onzeneiro, porque é que não chama

por mim? O auto do mestre é claro: o onzeneiro vai-se à barca do anjo e diz: *(levanta-se o onzeneiro e o anjo corre para a outra ponta do palco.)*

ONZENEIRO

*Hou da barca! Houlá! Hou!
Haveis logo de partir?*

ANJO

(Imitando uma voz distante.)

E onde queres tu ir?

ONZENEIRO

Eu pera o Paraíso vou.

ANJO

*Pois cant'eu mui fora estou
de te levar para lá.
Essa barca que lá está
Vai pera quem te enganou.*

BANQUEIRO

(Para o anjo:) Eu já estou no Paraíso. Não posso ir para um sítio onde já estou.

BURGUÊS

(Para o anjo.) Quantas vezes será preciso dizer-vos que este auto não é igual ao vosso? Os tempos mudaram e os onzeneiros também! *(Para os actores contemporâneos.)* Vamos à nossa cerimónia! Como devem calcular, esta cerimónia tem um objectivo. Destina-se a...

ARRAIS VICENTINO

(Para o seu grupo.) Vão prender o onzeneiro! Passa o vinho, para festejar a queda do vilão! É festa, é festa! *(Canta:)*

*Vos me veniredes a la mano,
a la mano me veniredes.*

(Passam-lhe o vinho e ele bebe.) Vamos assistir a quem o há-de prender! Ah, que se o apanho com estas mãos...

(Os actores Vicentinos levantam-se todos, muito alegres, para assistir à prisão do usurário.)

ANJO

À forca!

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

Que para o meter no cárcere, até vendo guarda-roupa d'encobrir e jóias de vestir!

SIMEÃO

A ele!

Tonos

Cão danado! Malandrim! Cabrão!

(Enquanto os actores Vicentinos gritam, as luzes que incidem sobre o barco aumentam de intensidade, de forma a que as sombras do barco e dos seus passageiros sejam projectadas no ciclo-rama. Convém que as sombras sejam grotescas, disformes, caricaturais. Quê-se música militar. Silêncio.)

BURGUÊS

(Voltado para os actores contemporâneos.)
Minhas senhoras e meus senhores: Há muito que a nação agradecida deve uma homenagem sincera e merecida a este cidadão modesto que, por levar uma vida anónima, passa despercebido das grandes massas populacionais que constituem a infra-estrutura da sociedade contemporânea. Se não fosse ele e o esforço que ele tem desenvolvido para elevar o nível de vida do país, esta barca não teria o motor fora da borda. Esta barca não teria radar. Esta barca, provavelmente não teria convés e nós, em lugar de estarmos aqui, já teríamos perecido. Perecido, repito. Nós já teríamos perecido! É, pois, com a voz embargada pela comoção, que confiro a este homem ilustre, a quem tanto devemos, a ordem da Salvação. Grã-Cruz com quatro

rosetas laterais e uma açucena, em diamantes, ao centro.

(Coloca uma medalha na lapela do banqueiro. Silêncio no palco. Cena caricatural. O banqueiro, num gesto muito lento, leva a mão à lapela, tira a medalha, observa-a e deita-a pela borda fora. Depois duma pausa, o banqueiro comenta.)

BANQUEIRO

Agradecido. Muito agradecido. Era o que eu queria. Precisamente o que eu queria.

BURGUÊS

E para vós, pilares das instituições, suportes em que assentam os bons costumes, alicerces do edifício que o homenageado está a construir — uma recordação. *(Abaixa-se e pega num mangerico que oferece a um dos actores contemporâneos. Depois oferece um mangerico a cada um dos restantes.)*

in mangericis

SIMEÃO

Que está ele a fazer?

ANJO

Está a dar flores!

SIMEÃO

Mangericos para a alcoviteira. Aquilo é sócio dela!

(Invertem-se as luzes. O barco surge intensamente iluminado e as projecções desaparecem. A actriz que interpreta o papel de D. Brisette de Vaz Contemporânea avança até junto da amurada e fala, visivelmente furiosa:)

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

Alcoviteira? Quem é que se atreveu a chamar-me alcoviteira? Quem é que se atreveu a chamar-me alcoviteira? *(Para o Arrais Contemporâneo.)* Explique a estes idiotas a minha função social. Diga-lhes quem eu sou.

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

(Para o público.) Quem classificou esta senhora de alcoviteira, não sabe o que diz. Esta senhora é representante das mulheres na grande assembleia onde se resolvem os problemas do homem contemporâneo. Dedicou inteiramente a sua vida à causa da mulher. Foi ela que defendeu a tese da subordinação da mulher ao homem, no seio da família. Se a mulher não pode sair do país sem autorização do marido, a ela o devem. Se o homem é o administrador dos bens do casal,

cf. H
de mulher na
na sala 30 man

a ela o devem. Se os fundamentos de divórcio exigidos à mulher são diferentes dos fundamentos exigidos ao marido, a ela o devem. Alcoviteira! Alcoviteira é uma mulher que vende mulheres aos homens, ao passo que esta senhora...

ANJO

É a Brísida Vaz...

SIMEÃO

Cala-te, sandeu! Não ouves o que ele diz?

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

E quanto lhe pagam a vossemecê, para fazer tudo isso? Quero crer que já tem mais de vinte coxins d'encobrir. Eu só tenho dois, mas o meu negócio é pobre. Vendo-as uma a uma a quem me paga mais. *Criava as meninas pera os cônegos da Sé.* Vossemecê é que deve sabê-la toda...

(Levanta-se o actor que interpreta o papel de Frade Vicentino, acompanhado duma rapariga.)

FRADE VICENTINO

Então e eu? Sim, que eu devo chegar à barca

com uma moça pela mão, um broquel e uma espada na outra, a cantar:

Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã
(Começa a dançar.)
Ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã;
Tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huha!

ARRAIS VICENTINO

Que é isso, padre? Que vai lá?

FRADE VICENTINO

Deo gratias! Som cortesão.

ARRAIS VICENTINO

Sabês também o tordião?

FRADE VICENTINO

Porque não? Como ora sei!

ARRAIS VICENTINO

*Pois, entrai! Eu tangerei
e faremos um serão.
Essa dama, é ela vossa?*

FRADE VICENTINO

*Por minha la tenho eu,
e sempre a tive de meu.*

ARRAIS VICENTINO

Fezeste bem, que é fermosa!

PADRE CONTEMPORÂNEO

(*Correndo para a amurada e afastando Brissette de Vaz Contemporânea, com um gesto violento.*) Que é isto? Quem é este que assim ofende a honra do Senhor e a fama da Igreja? Daqui para fora!

FRADE VICENTINO

*Juro a Deos que non t'entendo!
E este hábito no me val?*

PADRE CONTEMPORÂNEO

Já disse: daqui para fora!

FRADE VICENTINO

*Ah, Corpo de Deos consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,*

*Que eu nom posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado a virtude?
Assi Deos me dê saúde,
que eu estou maravilhado!*

PADRE CONTEMPORÂNEO

Ser ignóbil, repugnante, vergonhoso! É por essas e por outras que se diz de nós o que de nós se diz! Mas Deus, apesar da sua infinita misericórdia, há-de-vos condenar às chamas eternas do inferno!

FRADE VICENTINO

*Como? Por ser namorado
e folgar com ãa mulher
se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?*

PADRE CONTEMPORÂNEO

Cale-se! Não percebe o que está a dizer? (*Para os outros actores.*) Este frade inventado por mestre Gil é talvez verdadeiro no seu tempo, mas não é justo criticar a Igreja pelo que faz um homem. Se há forma desonesta de criticar a Igreja...

BANQUEIRO

Cale-se!

PADRE CONTEMPORÂNEO

Como?

BANQUEIRO

Cale-se. Você ou é parvo ou faz-se. Enquanto a crítica for esta, corre a coisa bem, que a defesa é fácil. Se o senhor não fosse parvo, até pagava uma mensalidade à moça daquele palerma. (*Para a Moça.*) Quanto queres tu para andar com o teu frade na rua, à frente de toda a gente?

MOÇA VICENTINA

Do que eu careço, dá-me ele.

(O Banqueiro tira várias notas do bolso e deixa-as cair num gesto de desprezo, para o palco.)

BANQUEIRO

Toma. Compra um vestido novo e pinta esse focinho, para ver se dás nas vistas. Mas olha que se não fores vista em público com ele, corto-te a mesada.

PADRE CONTEMPORÂNEO

Isto é contra todos os princípios!

BANQUEIRO

Pelo contrário. Está de acordo com todos os princípios. Ou julga você que eu estou interessado em deitá-lo abaixo?

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Cinquenta e um por cento.

BANQUEIRO

(Sem voltar a cabeça.) Cinquenta e seis por cento!

D. BRISSETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

E para a minha cantina?

BANQUEIRO

Dá-lhe lá a cantina, que também me convém. *(Para o Padre Contemporâneo.)* Enquanto eles olharem para ela, não olham para si. Mande-os subir. Quero-os aqui no barco.

PADRE CONTEMPORÂNEO

Não, não e não!

BANQUEIRO

(Para o Frade Vicentino.) Subam.
Muito satisfeitos, o Frade Vicentino e a Moça sobem ao barco.)

SIMEÃO

Senhor! Isso é desfeita! Desfeita a mestre Gil e desfeita a todos nós! Parte a barca com tal gente e não passa ao Inferno? Que aqui já ninguém se entende! Dizem uns: é a barca do Paraíso e outros ainda: leva carga do demônio! Ou para o Céu ou para o Inferno! Se para o Céu, que essa gente desembarque e se para o Inferno que fique, mas resolvi, senhor, para onde a barca vai!

(Os actores Vicentinos levantam-se ameaçadores e avançam para o barco. O Banqueiro, da amurada, sorri.)

BANQUEIRO

↗ Esta barca leva rumo ao Céu. *(Aponta para o Padre Contemporâneo.)* Não vêem quem aqui vai? A sua presença é uma garantia.

SIMEÃO

(Apontando para o Frade Vicentino.) E ele?

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

Que me leva a moça sem pagar um tostão?

ARRAIS VICENTINO

(Apontando para o Frade Vicentino.) Este vai para o Céu? Este?

PADRE CONTEMPORÂNEO

Eu não lhe disse?

BANQUEIRO

(Para o Frade Vicentino e para a Moça.) Saí.

FRADE VICENTINO

Mas eu...

BANQUEIRO

Saí!

(O Frade Vicentino e a Moça saem e ingressam no grupo dos actores Vicentinos, que se afasta. Os actores Vicentinos voltam aos seus lugares e recomeçam a beber e a conversar.)

D. BRISSETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

Tê-los aqui era uma vergonha!

BANQUEIRO

(Para a Brisette de Vaz Contemporânea.) Vá para a cantina. (Para o Padre Contemporâneo.) Fi-los subir para lhe salvar a pele, a si, seu idiota. A sua pele é necessária à conservação da minha. Se eles não se tivessem metido com o frade e com a moça, tinham-se metido consigo.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Cinquenta e dois por cento.

BANQUEIRO

(Depois de fitar o industrial durante um instante.) Sessenta por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Mas tinha dito cinquenta e seis por cento!

BANQUEIRO

Nunca disse cinquenta e seis por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Dissc. Toda a gente ouviu!

BANQUEIRO

Quem é que ouviu?

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

(*Para os actores contemporâneos.*) É verdade ou não é, que ele disse cinquenta e seis por cento?

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

(*Levantando-se.*) A questão tem de ser julgada.

ARRAIS VICENTINO

Como vai lá o direito?

(*O Corregedor Vicentino levanta-se dum salto e avança até junto do barco.*)

CORREGEDOR VICENTINO

Nestes feitos o vereis.

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Já lhes disse mil vezes para estarem calados. O auto é nosso!

ARRAIS VICENTINO

Agora é o de mestre Gil! Sou eu que mando!

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

*Hou! Videtis qui petatis!
Super jure magistratus
tem vosso mando vigor?*

CORREGEDOR VICENTINO

Eh, vilão! Essa fala é minha!
(*O Arrais Vicentino interrompe-o com um gesto e fala ao Corregedor Vicentino.*)

ARRAIS VICENTINO

*Quando éreis ouvidor
nonne accepistis rapina?
Pois ireis pela bolina
onde nossa mercê for*

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Valerá a pena repetir que os tempos mudaram? Este corregedor não é do tempo de mestre Gil, homem! É de agora. Os corregedores de agora não são subornáveis pelos réus!

ARRAIS VICENTINO

Como assim?

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

É o que lhe digo!

ARRAIS VICENTINO

Esta é, na verdade, a barca do Paraíso!

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Senhores: quero ser julgado! O banqueiro e eu tínhamos chegado a uma conclusão—cinquenta e seis por cento—e ele agora diz que a combinação foi de sessenta por cento e afirma que foi sempre de sessenta por cento! Ora eu tenho testemunhas! Toda a gente o ouviu dizer sessenta por cento, toda a gente! Quero ser julgado! Quero ser julgado!

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Muito bem. Será julgado. Já tem advogado ou confia na justiça?

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Isto não é causa, não é nada. Toda a gente

o ouviu dizer cinquenta e seis por cento! (*Para os actores contemporâneos.*) É ou não é verdade?

ONZENEIRO

Cinquenta e seis por cento! Aquilo é mesmo a barca do Paraíso!

ARRAIS VICENTINO

* Silêncio! Quero entender este auto em que tão perdido ando!

ONZENEIRO

O onzeneiro leva medalhas...

FRADE VICENTINO

E a moça do padre, dinheiro, para ser vista com ele! Cobrem-no de honrarias e chut, um pontapé no cul! Vão-se honras e vão-se tratos— fora da barca com ele, que anda com a moça que é paga para com ele andar!

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

Não há quem os entenda! Vendi uma de cada vez a quem ma podia pagar.

*Eu só ãa mártela tal,
açoutes tenho levados
e tormentos soportados
que ninguém me foi igual.
Se fosse ò fogo infernal,
lá iria todo o mundo!*

Mas ela não, não... ai não, não... Vende-as por junto, à dúzia e ao milheiro e se a barca for ao fundo, alguém a há-de salvar! Vá lá a gente entender o mundo! *(Para o público.)* Vender uma, aqui d'el-rei que é alcoviteira... Vendê-las todas: cala-te boca, que é santa!

ONZENEIRO

Aquilo é outro Deus. Tenho cá estado a pensar que o Deus deles é diferente. Cinquenta e seis por cento! Não ter eu nascido agora... que até já tinha solar, cavalos e brasão! E arrisquei eu a alma, para ganhar um tostão!

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

(Para o industrial de sapataria.) Diz o autor...

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

56 por cento.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

(Para o réu.) E o réu...

BANQUEIRO

Noventa por cento...

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Noventa por cento!

BANQUEIRO

Foi o combinado.

ONZENEIRO

Como ele come, como ele come... Se o mestre estivesse aqui, ai o pobre mestre Gil...

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Venha a primeira testemunha. *(Avança D. Brisette de Vaz Contemporânea.)* Nome...

D. BRISSETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

Dona Brisette de Vaz. Não se esqueça do «de».

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

De?!

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

De!

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

De.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Idade...

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

É conforme...

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Estado?

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

De necessidade.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Como?

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

Estou sempre em estado de necessidade.

BRÍSIDA VAZ VICENTINA

É do negócio. Acontece.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Cinquenta e seis por cento ou noventa por cento?

D. BRISETTE DE VAZ CONTEMPORÂNEA

Noventa por cento. Ouvi-o claramente. Noventa por cento, fora os juros.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Segunda testemunha. (*Avança o Padre Contemporâneo.*) Nome...

PADRE CONTEMPORÂNEO

O meu nome é indiferente.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Idade...

PADRE CONTEMPORÂNEO

Dois mil anos.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Estado...

PADRE CONTEMPORÂNEO

Transcendente. Preocupado com os problemas transcendentais.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Estava presente quando teve lugar a questão que serve de base a este julgamento?

PADRE CONTEMPORÂNEO

Estava e não estava.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Ou estava, ou não estava...

PADRE CONTEMPORÂNEO

Estava, no sentido físico. Não estava, no sentido espiritual.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Explique-se.

PADRE CONTEMPORÂNEO

Estava, mas não a prestar atenção ao que se passava à minha volta. Digamos que estava a pensar num problema transcendente.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Qual?

PADRE CONTEMPORÂNEO

O da justiça.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Da justiça?

PADRE CONTEMPORÂNEO

Divina.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Nesse caso, não ouviu a combinação feita entre

o sr. presidente do Banco e ali o fabricante de sapatos?

PADRE CONTEMPORÂNEO

Em consciência, não posso dizer que tenha ouvido, embora tenha ouvido.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Se ouviu, diga o que ouviu.

PADRE CONTEMPORÂNEO

Receio enganar-me.

ARRAIS VICENTINO

Ouvi eu! Ouvi eu, com mil raios! O podão dali dizia cinquenta por cento e agora diz noventa por cento. É dum homem ficar embasbacado!

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Quem é o senhor?

ARRAIS VICENTINO

Amâncio Toutinegra. Actor, ladrão, feirante e má rês, mas não tão má como aquele me-

liante que dobrou cabedais desde que aqui entrou. Em vida, e como actor, fui arrais das barcas de mestre Gil—representado o auto, misturava-me com os senhores do paço e exercia a minha profissão de ladrão. Sempre rendia, e à noite ia de feira em feira vender o que roubara. Actor, ladrão e feirante por esta ordem e por uma só razão: o poço sem fundo que tenho na barriga e que nunca cheguei a encher. Quer ver? (*Avança de boca aberta para o corregedor e o banqueiro, que está distraído, dá por ele e mete-lhe uma moeda na boca.*) Por Deus, que nunca vi tal pão! (*Observa a moeda.*) Livra, que é pão de vilão. (*Atira a moeda ao banqueiro.*) O teu, nem para ladrão! Cinquenta e seis por cento, foi o que ele disse. E agora deu-me em cismar que Vossa Mercê também o ouviu... vinha mesmo ao lado dele...

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Ouvi-o como homem...

ARRAIS VICENTINO

Será que é fêmea, debaixo da sorrapa? Brísida, anda cá mulher, que tens mercadoria nova...

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Como homem e não como juiz...

CORREGEDOR VICENTINO

Oh tu que és da profissão, quanto me dás para dizer noventa por cento?

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

Sou incorruptível.

BANQUEIRO

Profira a sentença e deixe-se de fantasias.

CORREGEDOR CONTEMPORÂNEO

A prova é evidente. A combinação foi de noventa por cento. Absolvo o réu e condeno o autor nas custas.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Eu já sabia. Eu já sabia. Pois nem para as custas tenho dinheiro.

BANQUEIRO

Eu empresto.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

A quanto, a quanto?

BANQUEIRO

A cem por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Isso é proibido.

BANQUEIRO

Tem razão. Não empresto.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Tenho de baixar os salários em noventa por cento ou mais, para conservar o meu lucro de cento e vinte e cinco por cento...

(Um dos actores vicentinos levanta-se dum salto e aproxima-se do barco. É Joane, o parvo.)

JOANE

Hou daqueste!

ARRAIS VICENTINO

Quem é?

JOANE

Eu só.

É esta a naviarra nossa?

ARRAIS VICENTINO

De quem?

JOANE

Dos tolos?

ARRAIS VICENTINO

Vossa.

Entra.

JOANE

De pulo ou de voo?

Hou! Pesar de meu avô!

Soma; Vim adoecer

e fui má-hora a morrer,

e nela, pera mi só.

ARRAIS VICENTINO

De que morreste?

JOANE

De quê? Samicas de caganeira.

ARRAIS VICENTINO

De quê?

JOANE

De cagamerdeira,

má ravugem que te dê!

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Este quem é?

ARRAIS VICENTINO

O parvo, às vossas ordens.

BANQUEIRO

(Para o industrial de sapataria.) *Aí tens o que
procuras, homem, um parvo!*

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Para que preciso eu dum parvo?

BANQUEIRO

Não disseste que ias dar um corte de noventa por cento nos salários?

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Disse. E depois?

BANQUEIRO

Aqui tens um candidato a operário.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

(Olhando com admiração para o banqueiro.)
Começo a perceber porque é que és tu e não eu quem tem o dinheiro na mão...

BANQUEIRO

Pois aqui o tens. Noventa e oito por cento.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Ainda há pouco foi provado que era noventa por cento...

BANQUEIRO

Quem prova, desprova.

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Pois seja. Já não discuto mais. *(Para Joane.)*
Queres trabalhar?

JOANE

Nunca fiz outra coisa ...e com o que ganho, como... foi por isso que morri de cagamerdeira...

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Queres morrer outra vez da mesma doença?
(Joane executa uma pirueta alegre, que termina por uma vénia.)

JOANE

Dai-me trabalho, que da cagamerdeira me incumbe eu...

PADRE CONTEMPORÂNEO

Trabalho, casa e segurança. Terás o mínimo necessário para viver como um homem...

JOANE

Como um homem! Ah... (Para os actores vicentinos, apontando para o barco:)

Çapateiro da Candosa!
Antrecosto de carrapato!
Hiu! Hiu! Caga no çapato,
filho da grande aleivosa!
Tua mulher é tinhosa
e há-de parir um çapo
chentado no guardenapo!
Neto de cagarrinhosa!

Furta cebola! Hiu! Hiu!
Escomungado nas erguejas!
Burrela, cornudo sejas!
Toma o pão que te caio!
A mulher que te fugio
per'a Ilha da Madeira!
Cornudo até mangueira,
toma o pão que te caio!

Hiu! Hiu! Lanço-te ãa pulha!
Dê-dê! Pica naquela!
Hum! Hum! Caga na vela!
Hio, cabeça de grulha!
Perna de cigarra velha,
caganita de coelha,
pelourinho de Pampulha!
Mija n'agulha, mija n'agulha!

(Detém-se a observar os ocupantes do barco

e fala ao industrial de sapataria:) Vossa Mercê dá-me trabalho? Dá mesmo?

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

Já.

JOANE

Viver como um homem! E onde é o trabalho, onde? Aí na vossa barca?

BURGUÊS

Não, não. Na nossa barca só nós podemos estar. Trabalharás longe de nós, onde te não posamos ver. Anda, vai. (Joane corre e desaparece atrás do barco.)

ARRAIS VICENTINO

Muito belo, o vosso auto, muito belo, mas falta-lhe gente que entra no auto de mestre Gil... Onde está o procurador, onde?

(Os actores Vicentinos riem-se à gargalhada e quando se calam ouve-se ao longe o ruído duma multidão agitada.)

BANQUEIRO

Não precisamos de quem nos defenda. Somos

todos mandantes e mandatários uns dos outros.
Ou não será assim?

TODOS

É, é, é.

(Aumenta o ruído da multidão agitada.)

ARRAIS VICENTINO

E o enforcado? Onde está o enforcado?

TODOS OS ACTORES VICENTINOS

Pois! Que é do enforcado? E da fala em que ele se referia a Garcia Moniz? O enforcado! Esqueceram-se do enforcado!

(O ruído é agora muito intenso. Ouvem-se as palavras «pão» e «liberdade» e gritos de revolta.)

PADRE CONTEMPORÂNEO

Que é isto?

BURGUÊS

(Muito preocupado.) Vou ver. *(Levantam-se*

todos menos o banqueiro e o burguês salta para cima da cabina do barco e olha para o fundo do palco por um binóculo.) É o povo que se levantou!

INDUSTRIAL DE SAPATARIA

É por causa do corte dos salários. Eu bem dizia.

BANQUEIRO

Cale-se. Passe-me o telefone. *(O industrial de sapataria passa o telefone ao banqueiro. Este levanta o auscultador e fala.)* Então? Para que julgam os senhores que nós lhes pagamos? Vá, depressa! Tomem as medidas que forem necessárias. Sem ordem não há progresso!

(Pousa o auscultador. Ao longe o ruído vai diminuindo de intensidade até cessar por completo. Depois, muito lentamente e em contraluz, começa a ser içado da teia o cadáver de Joane, que foi enforcado. Quando o cadáver chega a meia altura o burguês informa:)

BURGUÊS

É o parvo.

ARRAIS VICENTINO

Venhais embora, enforcado!
Que diz lá Garcia Moniz?

ENFORCADO

*Eu te direi que ele diz:
que fui bem-aventurado
em morrer dependurado
como o tordo na buiz,
e diz que os feitos que eu fiz
me fazem canonizado.*

*E disse-me que a Deos prouvera
que fora ele o enforcado;
e que fosse Deos louvado
que em bo'hora eu cá nascera;
e que o Senhor m'escolhera;
e por bem vi beleguins.
E com isto mil latins
mui lindos, feitos de cera.*

*E no passo derradeiro
me disse nos meus ouvidos
que o lugar dos escolhidos
era a forca e o Limoeiro.*

*(Depois duma pausa prolongada, o Banqueiro
boceja e fala:)*

BANQUEIRO

Foi restabelecida a ordem. A partir de hoje, cem por cento. Vamos.

(O Burguês corre para a ré do barco e ouve-se o ruído do trabalhar dum motor fora da borda. A luz começa a diminuir de intensidade muito

gradualmente, com os actores hirtos como cadáveres, em posições de pose heróica, sentados no barco. Subitamente, quando as luzes estão quase a apagar-se, acende-se um projector isolado que incide sobre o padre contemporâneo. Este levanta-se, grave, hierático, olha para o que se presume ser o céu e diz, muito lentamente:)

PADRE CONTEMPORÂNEO

Gloria in excelsis Deo.

E paz na terra aos homens de boa vontade.

(Apaga-se o projector que iluminava o padre. O pano começa a descer lentamente, sem que deixe de ouvir-se o ruído do motor fora da borda. Descido o pano, o Arrais Vicentino volta ao centro da ribalta e dirige-se ao público.)

ARRAIS VICENTINO

Cá estou, moços fidalgos ou que diabo sois, que vos não reconheço pela maneira de trajar! Isto que acabais de ver representar, de auto nada tem. Do Paraíso e do Inferno, quem falou, quem? E para onde ruma a barca, sabe alguém? *(Ri.)* Ninguém! Por Deus, que fui arrais de barca com rumo certo e este nem caro tem, que possa virar-se à ré! Se o mestre aqui estivesse, como ele havia de rir! Onzeneiro feito fidalgo e fidalgo onzeneiro! Corregedor tão cego e surdo que nem

ofertas sabe ouvir... e da Brísida nem falar; Enforcaram o Joane que até podia embarcar e a barca está parada — não serve para navegar! (Ri.) E o judeu que tão ruim era? Tão ruim e má pessoa que até tinha de ir à toa? Já não há judeus agora? Morreram? Foram para fora?

(*Entra o Arrais Contemporâneo que lhe responde.*)

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Hoto assim
Já não são o que eram, amigo! O vosso judeu, agora, é quem morre pregado à cruz. Olha que isto nem é graça nem é história antiga. Em dez anos, matámos cinco milhões!

ARRAIS VICENTINO

(*Depois duma pausa.*) E... não há quem salve a alma, neste auto da vossa barca? Que dirá o rei — se é que agora há rei — ao ver tudo perdido? (*Segredando ao ouvido do Arrais Contemporâneo.*) Se não tens Paraíso, não há representação! Somos homens do mesmo officio, embora de barcas diferentes, por isso vos digo aqui que isto de mal dizer, não dá pão a ninguém... Para haver representação, é preciso... dizer mal da mó de baixo e da mó de cima — bem! Ou fazer como o meu mestre: dizer mal da mó de cima, salvando a alma de alguém. Alma... quem a não tem? Entra-se no paço a sorrir — dizendo falar dos

outros — e sai-se do paço a dançar, trazendo ouro na mão! Mas se dizes que é com eles — que eles andam na barca, também — nem ouro... nem representação! Um auto assim acabado — se é que o entendi, vai parar à Inquisição. Edições houve do mestre, que foram esbarrar na Santa. (*Tentando convencer o Arrais Contemporâneo.*) Dá-lhe um fim diferente, anda... Salva alguém... Faz como fez o mestre, senão mandam-te à mãe. Alguma coisa hão-de querer os que estão na mó de cima. Querem frades? Salva os frades! Ceifeiros? Manda-os para o céu! Cavaleiros? São mais do que os cavalos... Céu com eles! A trote e a galope, senão adeus auto — manda-lhe acender candeias!

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Tens razão! (*Volta-se para dentro e grita:*) Defensorès da fé!

(*Entram pela direita, marchando, quatro pára-quedistas em uniforme de combate, que chegam ao centro da ribalta e marcam passo.*)

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Um, dois, um dois, um dois! Alto! (*Os pára-quedistas ficam em sentido. O Arrais Contemporâneo dirige-se novamente ao Arrais Vicentino.*) E agora?

ARRAIS VICENTINO

Manda-os para a barca, manda-os para a barca!

(Depois duns segundos de silêncio, ouve-se a voz do Banqueiro.)

BANQUEIRO

Subam o pano! (O pano sobe até meio, de forma a que se veja a barca e os seus ocupantes. O Banqueiro, de pé, ordena:) Direita, volver! (Os pára-quadistas obedecem.) Companheiros naturais, que sois, de quem preside ao destino desta barca, tendes o direito de nela ocupar um lugar de relevo. (Para a D. Brisette de Vaz Contemporânea.) Dá-me um «whisky», que tenho a garganta seca.

(D. Brisette de Vaz Contemporânea enche um copo de «whisky» e entrega-o ao banqueiro. A cena é muito lenta. O banqueiro pega no copo e examina-o contra a luz. Depois, também muito lentamente, leva-o à boca e bebe o «whisky» até meio. No palco, o silêncio é absoluto. Os actores, imóveis, observam o banqueiro que parece ter-se esquecido do local onde se encontra e do que está fazendo. Depois dum longo silêncio, Brisette de Vaz toca-lhe no ombro e aponta para os soldados. O Banqueiro como que desperta dum sonho e pergunta, olhando para os soldados:)

BANQUEIRO

O que é que eles querem? (Brisette de Vaz segreda-lhe ao ouvido. O Banqueiro fita os soldados e repete com a entoação exacta que usou da primeira vez:) Companheiros naturais, que sois, de quem preside ao destino desta barca, tendes o direito de nela ocupar um lugar de relevo...

ARRAIS CONTEMPORÂNEO

Ordinário, marchel!

(Os soldados dirigem-se, a marchar, para a barca e começam a subir a escada que lhe dá acesso, seguido pelo Arrais Contemporâneo, enquanto o pano desce. O Arrais Vicentino fica sozinho no palco e enfrenta o público.)

ARRAIS VICENTINO

(À medida que a luz dos projectores que o iluminam diminui de intensidade:) Primeiramente, no presente auto se fegura que, no ponto que acabamos de espirar chegamos súbitamente a um rio, o qual por força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão... Vou-me daqui, que este batel é vosso e não meu... Volto para o batel de mestre Gil, que este não entendo eu... Barca sem rumo, onde irá parar? Comprar nela passagem? outro que não eu! Este batel já daqui não sai... Barca parada não serve para navegar...

(Escuro completo.)

continua p/2

Este livro, realizado pela Ática,
Rua Alexandre Herculano, 17-A,
Lisboa, acabou de se imprimir
durante o mês de Abril de 1970,
nas Oficinas Gráficas da LI-
VRARIA BERTRAND, S.A.R.L.
Venda Nova - Amadora